

DEPOSITO JUN. 1959

Nem por terem sido proferidas há já algum tempo as palavras que Sua Excelência o Senhor Reitor da Universidade Clássica de Lisboa dirigiu à Assembleia Geral Universitária perderam oportunidade. Antes pelo contrário, com a recente realização do «Dia do Estudante» adquiriram um significado que não pode passar despercebido pelo que de marcar de posições elas contém.

Não nos vamos referir agora, ao publicar as passagens que nos pareceram mais significativas (por absoluta impossibilidade de transcrever todo o discurso) ao aspecto de choque existente entre as palavras proferidas pelo nosso Reitor e o sentido geral das teses apresentadas no «Dia do Estudante». Outro número está reservado a essa oportuna e urgente tarefa.

PARA UMA

UNIVERSIDADE NOVA

Por mim, farei por manter acesa a chama que recebi ardente. Conto convosco. Respeitador da personalidade de cada um, espero de todos a colaboração que me é devida na medida em que exprimir o interesse comum. Bem desejará eu não ser mais que o expoente de uma corporação verdadeiramente auto-dirigida, isto é, em que mestres e alunos tivessem tão alta consciência dos seus deveres e tão firme vontade de atingir os fins colectivos e tão esclarecida visão dos meios idóneos a utilizar — que ao reitor não restasse mais que recolher todas as contribuições parciais, integrá-las, unificá-las, e procurar sublinhá-las numa alma só.

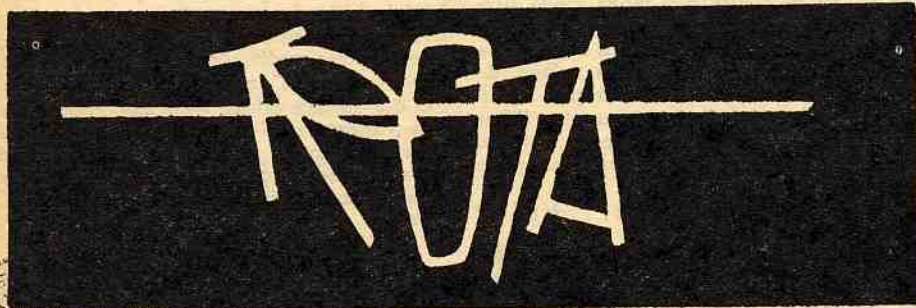
Não basta à Universidade ser um conjunto de aulas. Nos próprios domínios do ensino, não é suficiente a simples habilitação dos alunos inscritos nos cursos regulares para conquista dos diplomas. Mesmo após a graduação dos estudantes, a Universidade tem de fornecer aos seus diplomados o complemento de preparação científica que a complementariedade dos cursos gerais torna indispensável. E temos de ser um foco de irradiação cultural através da extensão do ensino — pelas conferências, pelas revistas, pelos livros, pelas exposições e pelos museus.

Para além da função do centro, porfém, outras tarefas, outros deveres, nos solicitam. A Universidade é o lugar de encontro do escol de cada geração. Aí se reúnem os jovens de todas as províncias, provenientes de diversos meios familiares, pertencentes a várias classes sociais, gente de todos os temperamentos e de todos os hábitos, idealistas uns e outros lúdicos, os que têm sede de cultura e os que procuram o modo de vida, os sensíveis e os indiferentes, os que sofrem as dores do Mundo e os que adoram os prazeres da existência — ei-los todos a ser iniciados, dentro dos quadros da Universidade Clássica, nos vários ramos de saber que nela harmoniosamente se reúnem para permitir a visão do Mundo e do Homem.

Mas então a Universidade...? Pois esse encontro é já ou é também obra da Universidade. O que cabe todavia à escola é um papel específico: o de procurar, no tumulto confuso de emoções e aspirações que cada onda de juventude traz consigo, representar esse sereno e claro sorriso de Minerva que traduz a ordem do pensamento, o quadro duma disciplina mental e o alicerce sólido das audácias criadoras. Não é a Universidade-escola que compete ser o alviçareiro das novidades e a lançadeira das modas: atenta embora a todos os movimentos que se produzem no seu seio ou ao seu redor, sem se deixar anquilosar, esclarecer e envelhecer, a base do seu ensino creio eu não poder deixar de ser clássica, isto é, conservadora e transmissora daquilo que vai sendo acumulado no património cultural da Humanidade depois de eliminado pelo tempo tudo o que não passou de aventura fugaz ou de passageiro acidente.

É esse pecúlio humanista, hoje mais precioso do que nunca, de que as universidades são depositárias, que permitirá dar a todos os jovens que por elas passam certos princípios comuns, um estilo de pensamento e uma atitude de dignidade na acção que permitam distinguir os homens *formados* de entre o comum dos seus contemporâneos.

Como conseguir alcançar este objectivo? Fazendo da vida universitária não só um exemplo de actividade intelectual como também um padrão de vida moral. Dentro da



JORNAL INDEPENDENTE
JUVENTUDE — UNIVERSIDADE — ESPÍRITO

MAIO
1959
1.50 **5**

director: egídio a. gomes
editor: antónio m. sancho

Interessa-nos agora focar — depois de meditar bem no que disse o Prof. Marcelo Caetano — um problema tão explosivo como delicado que entrou ainda recentemente na ordem do dia das conversas. Referimo-nos à posição tomada — ainda não tomada, por agora, saliente-se — pela Reitoria face à questão das instalações do Centro Universitário de Lisboa da M. P. na Cidade Universitária, e, duma maneira mais vasta, face à situação de ambiguidade do binómio CUL — AA.AA.

Se se quer dar à Universidade um sentido intervencionista, é lógico — note-se que dizemos lógico, e não razoável, querendo isto significar que quanto à sua razoabilidade ou irrazoabilidade nos não pronunciamos por agora — que o CUL fique na Cidade Universitária e nela ocupe um lugar de relevo como o que lhe está a ser destinado. Mas se continuamos com Universidade neutra, qual o papel do edifício em construção e, de acordo com a frase impressiva dum orador do Dia — o Centro Universitário falhou, não tem direitos — qual o papel que se reserva ao Centro Universitário na Universidade Portuguesa?

Urge tornar claro um problema que até aqui tem sido muitas vezes esquecido ou escamoteado. Qual o papel do Centro Universitário da M. P. na Universidade Portuguesa?

Sem que este problema se resolva, vivemos num eterno e perigoso equívoco. E a situação torna-se tensa.

Que Sua Excelência o Senhor Reitor da Universidade Clássica de Lisboa possa dizer alguma coisa sobre este assunto, é o que francamente esperamos.



2 cartas sem selo para o sr. hulot-paris (air mail)

1

Confesso-lhe, Sr. Hulot, que o seu último filme me deixou altamente surpreso. Tinha visto anteriormente as suas «Férias» e a sua «Festa na Aldeia», e nunca esperei que o sr., Sr. Hulot, sáisse das suas amáveis, fúteis e, nalguns casos, pouco compreensíveis rábulas sobre acontecimentos banalmente banais para se lançar em tão violenta e apaixonada crítica à sociedade moderna e, principalmente, ao que ela criou.

Confesso-lhe também que num ponto estou de acordo consigo: algo caminha mal, muito mal mesmo, na triste sociedade de sorriso

queça dos «agradáveis» montes de esterco. Não se esqueça também que por detrás daquelas casas semi-arruinadas existirá necessariamente muita miséria, muita dor, muita desgraça, muitos gritos de desespero e muita opressão.

O Sr. Hulot talvez não tenha ainda passado pelos duros trabalhos duma dona de casa ao tentar manter arrumados e com uma aparência de limpeza os quartos velhos, de mobílias carcomidas, cheios de trapos, de pó e de coisas inúteis. Cheios de muitos filhos barulhentos e ávidos de Sol e de espaço. Porque se os tivesse sentido no seu corpo

veja sr. hulot

ESSAS CASAS LIMPAS

estereotipado na face, que nos rodeia. Mas, Sr. Hulot, não concordo consigo no resto. Quem está a representar um papel errado são as pessoas, e não as coisas. E no filme em que nos apresenta o seu estimado sobrinho o senhor ataca furiosa, desesperada e, sejamos exactos, ingénua e, ingenuamente, as coisas. Ataca a casa nova, cheia de botões, de esterilizações, de cadeiras e de sofás de feitiços esquisitos. Ataca a fábrica de plásticos.

Ataca as coisas, não as pessoas.

E o pior, Sr. Hulot, é que o ataque que lhes faz é desleal, porque as mete a ridículo. E o senhor bem sabe que qualquer coisa, por

não nos apresentaria só aquelas belas imagens de canários gorgeantes e sol-poentes na vidraça da mansarda.

Confesse, Sr. Hulot, que nunca leu nada de Bradbury, de Helein ou de Simak e que, por isso, não pode imaginar a maravilha que são essas casas limpas, arejadas, grandes, com muito sol, muita água e muitas máquinas que poupam o trabalho tantas vezes humilhante dos seres humanos. Por mim, caro Sr. Hulot, digo-lhe que prefiro carregar num botão e abrir a porta da rua, a descer uma quantidade enorme de lanços de escada para a abrir. Também prefiro ir para as aulas de

pelos seus cunhados, Sr. Hulot, mas não se aproveite dos casos criados pelas pessoas para tentar destruir a beleza das coisas. São questões muito diferentes. O automóvel, o avião, a rádio, o jornal, a TV, o duche, a torradeira eléctrica, o comboio e a betoneira são coisas ora agradáveis ora horrorosas conforme a maneira como são empregadas pelas pessoas (pelas pessoas, Sr. Hulot).

Portanto, Sr. Hulot, peço-lhe que reflita um pouco, nessas suas forçadas férias de província (férias provocadas pela sua artificial inabilidade para tratar com coisas modernas) e nos venha depois confiar o resultado das suas meditações.

Estou certo de que concordará comigo:

O que merece crítica — e essa violenta, a mais violenta que se possa escrever — é a maneira como as pessoas agem, a maneira como elas se aproveitam da técnica e das coisas. Não as coisas em si.

Felizes meditações, Sr. Hulot.

2

Saí do cinema com uma leve ponta de tristeza e de melancolia, ensimesmado, a pensar nas suas estranhas aventuras, Sr. Hulot. Imperceptivelmente mergulhei no passado e brinquei um pouco como o seu sobrinho, um pouco como eu próprio brincava quando era pequeno. Depois, despertei, e comecei a pensar no seu filme.

Tenho que lhe agradecer, Sr. Hulot, pela maneira brilhante, suave e profunda como tratou o tema da humanização do homem. Pela maneira poética como soube dar a viva imagem da alegria de viver e, essencialmente, da alegria de ser.

Quanto a mim, sempre foi verdadeira alegria a dos pequenos momentos, a alegria simples e ingénua dos instantes, e não a procura deliberada, fria e racional dos prazeres. No seu filme, Sr. Hulot, eu vi precisamente um hino aos instantes, um hino à alegria, um poema capitoso à música oculta da existência no quotidiano. Os seus personagens de arrabalde tocaram-me profundamente e falaram de tal maneira à minha sensibilidade que, por vezes, cheguei mesmo a comover-me e a rir com gosto, a rir como se ri quando tudo é simples, belo, agradável, quando tudo é amor e amizade.

Vi no seu filme, do princípio ao fim, uma sátira ao viver amorfo e forçadamente polido dos homens e mulheres das cidades que hoje se estendem a perder de vista por todo o planeta. Viver sem alma, sem verdade, sem amor, todo cheio de falsos sorrisos, de falsas amabilidades, de falsas conversas.

De falsas pessoas.

A maneira como nos era apresentado o contraste entre essa vida artificial e a vida pura, a vida verdadeiramente digna de ser vivida dos homens de arrabalde (a sua vida, Sr. Hulot) só merece um adjectivo: notável.

Creio bem que a cena mais pungente, mais chocante e mais reveladora é a da noite de aniversário de casamento dos pais de seu sobrinho (expresso-me desta maneira talvez



mais perfeita que seja, é susceptível de ser metida a ridículo. O senhor, Sr. Hulot, disfarça o seu despeito com belas imagens. Confesse que, se não é muito agradável viver na casa que nos descreveu, com as pessoas que nela meteu (note bem, Sr. Hulot: com as pessoas que nela meteu), também não era nada agradável viver naquela sua ilustre mansarda, cheia de lixo e de escadas inúteis.

A aprofundarmos um pouco mais a sua linha de raciocínio chegaríamos necessariamente ao extremo de fazer o elogio das esturmeiras, das moscas, das melgas, dos farrapos e dos corpos a cheirar a suor e a qualquer coisa mais.

Veja bem, Sr. Hulot: se nos apresenta a sua vida dos arrabaldes como o protótipo da vida verdadeiramente «humana», não se es-

uma sátira

AO VIVER AMORFO

automóvel, a fazê-lo a pé, enregelado e triste.

E não me diga que isso não é romântico, Sr. Hulot, porque então terei que lhe dizer uma vez mais que o romântico não está nas coisas, mas nas pessoas.

No seu ambiente de arrabalde vivendo em clima familiar, há o sórdido ao lado do belo, assim como naquela bela casa em que moram os pais do seu sobrinho há a frialdade do gelo lado a lado com a carícia dum beijo.

É bonita a alegria do grupo simples, e é desoladora a noite de aniversário passada

pouco ortodoxa — e disso lhe peço desculpa, Sr. Hulot — porque julgo ter o seu sobrinho um papel preponderante no filme, papel a que mais adiante me referirei). Lembra-se: o casal mete-se no carro, com uma evidente falta de alegria e um alarmante cansaço. Entra no restaurante. A orquestra toca. O violino chora. Há um imperceptível escolher de vítima pelo violinista. (E como esta palavra vítima define bem a situação, Sr. Hulot — chega a ser atroz). O casal escuta a música que lhe é dedicada. E...

A meio, o pai do seu sobrinho passa uma nota de banco ao violinista. Trágico, Sr. Hu-

lot. Aquilo é trágico na sua banalidade burlesca. Sente-se o frio no coração de todos. Sente-se o gelo.

E paralelamente o sobrinho do Sr. Hulot e o seu digno tio encontram uma diversão bem mais alegre: tentam esconder os chouriços de plástico fabricados por imperícia. Há peripécias cómicas. Há amor no ar. Vagas sugestões a cantigas.

E o regresso dos dois grupos faz-se de maneira totalmente diferente:

O casal, decepcionado e triste.

O Sr. Hulot e o seu sobrinho, calmamente felizes.

Aqui deve o senhor ter dado a chave da fita. Francamente, gostei.

Uma questão me intriga, no entanto: o seu sobrinho. Penso que o reservou para traço de união entre os dois mundos. Deu-lhe o papel mais importante e mais ingrato, mas também o mais compensador: o de Esperança.

O seu sobrinho, a sua cristalina juventude, são bem a garantia de que o futuro não está perdido numa sociedade de falsas pessoas, de falsas conversas, de falsos sorrisos, de falsas amabilidades.

FILMOGRAFIA DE TATI

- 1 — Há Festa na Aldeia (Jour de Fête).
- 2 — As Férias do Sr. Hulot (Les Vacances de Mr. Hulot).
- 3 — O Meu Tio (Mon Oncle).

CRÍTICA OBJECTIVA

Com o apeecimento de «Jour de Fête» e, depois, de «Les vacances de Mr. Hulot», consolidou-se aquilo a que poderíamos chamar a «Revolução Tati», que consiste, essencialmente, na criação dum estilo cinematográfico em que são violadas um certo número de regras durante muito tempo consideradas tabú.

Um dos primeiros factos a anotar nestes filmes (e duma maneira muito mais evidente em «Les vacances» do que em «Jour de Fête») é a inexistência dum enredo, duma ossatura de tipo clássico à volta da qual girassem as diversas peripécias. É esse o polo da revolução Tati.

Em «Meu Tio» Tati apresenta-se já mais realizado, mais completo e cuidado, e abandona também um pouco esse seu polo inicial para se agarrar a um processo descritivo que deve ter enganado muitos críticos fazendo-os ver todo o filme à volta dum personagem central (Hulot) e criando mesmo um falso enredo que o rodeia. No entanto, creio que neste terceiro filme Tati não foge ainda à sua regra. Também aqui não há ainda uma história, mas diversas histórias, com um personagem introdutor (Hulot).

«Heu Tio» veio trazer consigo esclarecimentos a dúvidas que tinham ficado dos seus anteriores filmes.

Assim, conclui-se imediatamente que um dos aspectos fundamentais em Tati é a maneira poética, romântica mesmo, como ele nos apresenta os factos. Por outro lado nota-se facilmente que há muita ingenuidade na maneira como ele vê o mundo. Há muitas ideias não suficientemente analisadas para permitir uma síntese homogénea e verdadeira.

Tati cai em diversas contradições — e em «Meu Tio», devido ao desenrolar mais calmo da acção, essas contradições são demasiado evidentes. «Meu Tio» seria inicialmente uma crítica à sociedade, mas veio a transformar-se, devido a essa ingenuidade, apenas num romântico apontar de situações interessantes.

J. MALAFAIA

Ensino misto ou diferenciado?

BELAS ARTES: MARIA DE FÁTIMA AMARAL

Não creio que exista alguma voz jovem que se levante a favor da segregação sexual em qualquer tipo de instituição de ensino. (...) São no entanto poucas as pessoas com uma experiência nos dois sistemas como eu a tenho. É difícil responder duma maneira estritamente pessoal, pois reduz a opinião ao caso particularíssimo da própria experiência. É difícil também responder dum modo geral ao abordar problemas desta ordem. Mas posso tentar.

Frequentei um Liceu misto, mas com uma nítida separação entre os sexos — que partilhavam inclusivamente sectores diferentes e estanques do edificio, vedados por uma severa proibição. Só nos dois últimos anos havia turmas comuns. Frequentei depois um Liceu inteiramente feminino, e agora a Faculdade deu-me a total liberdade de convivência.

(...) Camaradagem, simplicidade, honestidade. Meio mundo anda proclamando isto a outro meio. E há alguma coisa destas em dia? É bem difícil ser-se encaixado num tipo de Liceu, universitário, educador ou religioso para responder a um inquérito destes. É difícil perder um complexo liceal pois não deixamos de ser as pessoas da véspera só por franquearmos o limiar da Faculdade. É difícil ter opinião duma Universidade que nos é ainda hostil e sempre nos desilude um pouco. Ao mesmo tempo nós somos autoridades religiosas na medida em que, como católicos é preciso sermos um ramo vivo. E na medida em que toda a rapariga prepara a sua vocação de mãe, através de processo lento de estudo (e porque é que isso parece por vezes ridículo aos olhos de seus companheiros?) é também duma maneira um pouco dogmática que começamos a impor a nossa opinião, que se encaminha para as bases em que virá a assentar toda a nossa futura obra educacional.

(...) Voltemos a falar de camaradagem e honestidade. O presente ritmo de vida cada vez menos proporcionará amplo contacto en-

de atitudes bem diferentes das habituais. O ritmo de vida não permite outra coisa e todos se queixam do mesmo e todos procuram entabular uma conversação profunda e em profundo desacordo com os erros do mundo. No final tudo fica na mesma, os jovens tornam-se adultos e tomam destes emprestado e tradicional complexo de ficar abanando a cabeça aos novos jovens que proclamam normas absolutas e salvadoras.

Penso que no acordo do trabalho de todos os dias, nos pequenos despiques, nas grandes amizades que serão eternas se sobreviverem ao hábito, às dificuldades do dia a dia, é que se poderá fomentar um acordo entre a juventude.

(...) O conhecimento mútuo dos dois sexos parece que só tem três modalidades: o grupo maravilhoso que além das actrizes (ou actores) de cinema inclui a pessoa única do namorado (ou namorada); o grupo que são todos os outros (pessoas com algum interesse, mas no fundo sempre a mesma coisa); e o grupo naedótico com que se mimoseia o sexo oposto na sua futura feição e que está bem representado pela sogra, pelo marido aterrorizado que obedece e pela mulher gorda que manda.

É realmente pouco:

Evidentemente que a todos os títulos há perigos e bem grandes, de exageros. Mas não julgo demais acentuar que uma muito maior preparação logo inicial produziria os seus frutos desde muito cedo na medida que cada jovem visse nos companheiros, não sucessivamente um objecto temido, perigoso ou desejável, mas, realmente alguém com quem se pode contar sinceramente.

Na preparação duma sociedade não interessa de nenhum modo a convivência entre jovens que pressuponha quase unicamente um regime de «caçada», mas verdadeiramente uma compreensão e respeito mútuos, no conhecimento real das maneiras de agir normalmente, que não são de nenhum modo as fortuitas ocasiões duma festa ou duma simples reunião.

meio mundo anda proclamando isto...



E afinal tudo isto são lugares comuns que todo o jovem repete. Resultados? Quase nenhuns.

As consequências nos jovens universitários que se vêem forçados a um contacto a que não estavam habituados são das mais significativas: um desajuste completo entre rapazes e raparigas, principalmente se há nos cursos predomínio de um dos sexos. Não se compreendem as atitudes mútuas, não se prevêem as reacções, e muitas vezes as pessoas chocam-se, em virtude disso mesmo, em falsas interpretações.

No 1.º ano, onde desde logo se devia começar a trabalhar em conjunto, o desfazamento entre sexos, acrescido do desfazamento entre os novos e a Faculdade inteira, que lhes é quase hostil e muito, muito sobranceira, levam a um inútil tempo perdido num mero ajuste ao novo regime.

Conduta de segregação nas Faculdades? Não. Que eu saiba, não. Aliás, nunca esta será feita pelos jovens, mas apenas e desde logo pelos dirigentes.

tre jovens. Mais do que nunca, hoje o homem parece disperso num emaranhado de infundas relações sociais, e mais do que nunca ele está completamente isolado. (...) Eu não acredito que ninguém seja completamente insensível nem completamente refractário à mais ínfima possibilidade de delicadeza.

(...) É difícil fazer uma ideia exacta do sexo oposto quando esse contacto é um esporádico encontro de grupos que se reúnem, dançam ou vão ao cinema, com um conjunto

dia do estudante

em letras, festival citac

Sala à cunha! Ouvem-se as pancadas de Molière! A representação começa. O Judas, o poema dramático de Fiana Hasse, e o Passeio, graciosamente entremeados com poesia dos «Jograis de Hoje», seguiram-se com um ritmo infelizmente moroso. Se chamássemos ao espectáculo Festival CITAC não estaríamos longe da verdade. De facto, CITAC foi o único que nos deu a sensação de estarmos em presença dum espectáculo de Teatro.

Duas peças óptimamente escolhidas, duas encenações inteligentes, simples mas decisivas — embora com marcações deficientes e um demasiado longo período de expectativa — e uma representação honesta, eis o que nos foi dado observar neste «festival CITAC».

Não passarei este ponto sem fazer uma menção honrosa ao actor Heitor Gomes Teixeira que, quer no «Judas» quer no «Passeio», atingiu foros de bom profissionalismo, com mímica aceitável, naturalidade e honestidade, Heitor Teixeira, embora prejudicado pela voz e pela técnica deficiente, faz-nos crer que, se tivesse que enfrentar as luzes da ribalta junto de qualquer profissional, provaria ser a carteira de actor mais um escudo para defeitos do que um espelho para virtudes.

Isto é tanto mais para louvar quanto os outros componentes do CITAC não passaram de simples, mas bom, amadorismo.

Os «Jograis de Hoje», com vozes homogéneos e tom baixo não souberam valer-se do programa inteligentemente escolhido.

No poema dramático de Fiana Hasse Pais Brandão, os problemas cavalgam uns sobre

os outros num cenário demasiado sintético, iluminado por luzes de significado obscuro.

Personagens passam e repassam, tendo como fundo um homem de quarenta anos que, de tempos a tempos, declara que são horas, mas nunca se resolve a partir, acabando por perder o barco.

A problemática percebe-se levemente, sufocada pela catadupa de palavras com que a jovem poetisa pretende embelezar o seu poema dramático, sacrificando em muitos pontos o conteúdo à forma.

A entrada em cena de homem dos bilhetes fardado de guarda-fiscal — que, com o polícia e o magala constitui elemento de farsa — deu o golpe de misericórdia no poema dramático «O Cais».

O grito da turma académica — F. R. A. — encerrou o espectáculo numa manifestação de fraternal camaradagem.

Crítica por ABÍLIO TEIXEIRA MENDES

colecção arcádia ao serviço da cultura

A primeira obra de iniciação sobre ballet editada em língua portuguesa.

travessa de s. paulo, 7-3.º — lisboa



Eles entram para a Universidade e são apanhados de surpresa pela entrega dos arcos que lhes dizem ser absolutamente necessário «manobrar». Arcos grandes e arcos pequenos. Anatomia e Física. Química e Histologia.

Pegam nos arcos desajeitadamente, colam-nos ao corpo, deixam-nos cair, apanham-nos, dormem com eles, sonham com eles, equilibram-nos na ponta do nariz e dos dedos grandes dos pés. Farmacologia e Bactérias. Logo na primeira etapa as desistências são em massa (nem pensar é bom). Os arcos, no exame, teimam em não girar harmónicamente, empernam e *chumbam* ao chão. O número de mortos é inacreditável.

Aos que passam as primeiras provas de arco (não confundir com provas de arco da velha) estão reservados prazeres mais doces: arquinhos pequenos e fáceis de manobrar, embora em número elevado por cada etapa.

Ultrapassada a 6.ª etapa há uma prova final com um arco que parece grande, mas não é. Estágio lhe chamam os entendidos.

O manobrador de arcos respira aliviado. Enfim: é o fim.

E então, rindo cínicamente, vem o último arco, ciclópico, descomunal, impossível de manobrar sem auxílio: a vida prática.

É a morte do artista.

histórias proibidas

ou

o homem do arco

a orquestra toca ao ritmo de «médico e só médico». Do fundo, da bateria, saem montes de gritos e coisas desvairantes. Sentado ao pé da alegria, um velho molho o dedo e conta folhas de se-benta.

1 a vida nos outros mundos

de herbert spencer jones

Uma lúcida e aliciante revisão de todos os dados científicos relacionados com as possibilidades de vida nos outros planetas.

2 que é a física

introdução e selecção de textos
de rómulo de carvalho

Uma colectânea do maior interesse sobre a evolução da Física até aos nossos dias.

3 que é o ballet

de tomás ribas

2 — EXPOSIÇÕES

O contacto de Mário Eloy pintor com o público data de 1924. Da galeria da Ilustração Portuguesa.

Em 1925 Eduardo Viana convida-o para o seu I Salão de Outono. Em 1927 tem 14 pinturas «Chez Fast» e «Au Sacre Printemps»; no Paris que tinha assistido ao nascimento luta e glória do Impressionismo, Neo-impressionismo, Expressionismo Fauve, Cubismo e Futurismo, e presenciava a agitação do Surrealismo.

Em Berlim mostra individualmente na sala de exposições da Livraria A. E. Utsch. Dez pinturas e vinte desenhos: 19. No mesmo ano Lisboa vê trabalhos seus pela quarta vez no I Salão dos Independentes. E depois:

Com 31 anos e algumas dezenas de trabalhos mostra, como par, na «Seit Cézanne in Paris» ao lado da vanguarda da pintura moderna europeia: Cézanne, Picasso, Gris, Matisse, Seurat, Monet, Modigliani, Bracque, Rouault, Gauguin e Van Gogh — entre outros.

Regressa a Portugal e continua a organizar-se e a revelar-se:

1932 — Salão de Inverno.

1933 — Galeria da U. P.

Alguns intelectuais e críticos procuram estudá-lo e compreendê-lo.

1934 — Galeria da U. P.

Eloy recebe encomendas poucas e incertas.

1935 — S. N. I. 1936 — Artistas Modernos Independentes.

1951 — Uma data no tempo. Mário Eloy morre.

Mas a Obra permanece. No mesmo ano vai à I Bienal do M. A. M. de S. Paulo. No ano seguinte, na Galeria de Março, alinha em «20 Pintores Modernos Contemporâneos». Em 1935 S. Paulo encontra-o de novo na 2.ª Bienal do M. A. M. Os estudantes Universitários de Lisboa vêm-no em 1955 na «Pintura Moderna Portuguesa» da A. E. E., da Fac. de Ciências. E três anos mais tarde o S. N. I. organiza-lhe uma retrospectiva, em Lisboa e depois, no Porto.

mário eloy

experiências, angústia, amor e absurdo

3 — ANÁLISE PSICOLÓGICA

Mário Eloy teve à sua espera uma infância igual à de tantos outros pequenos seres. A tradicional gritaria na Pia Baptismal, as primeiras impressões, os primeiros triunfos, as pequenas birras; o riso feliz de pais e parentes e muitos enormes dias para escangalhar coisas, partir vidros, experimentar bolas, esfolar joelhos e gritar no azul. Uma vida no meio de casas, jardins e praias, sem preocupações. Ocasionalmente, com um ou outro açoite. Depois de sete anos começou a experiência intensa do social. Entrou para a Escola (uma escola com telhas vermelhas, carteiras riscadas por gerações e árvores muito, muito carregadas de folhas verdes na Primavera). Entrou para a escola para encontrar a sensação inquietante da régua (vocês sabem: alguma daquelas inconvenientes escuras réguas) e do Mestre; e o convívio de camaradas, meninos de bibe, calção e nariz mal assoado. O Liceu. («ando no 1.º ano. É formidável. Eu devo ser mesmo um homem. Melhor, eu sou um homem»). E depois a Escola de Belas Artes.

A Escola encontrou já um carácter formado. Um rapaz alto de mãos estranhas, que andava, dando a impressão de que queria lançar fora as pernas. E dentro do rapaz, para lá dos olhos pensativos, um incrível poder de sonho, uma revolta pela regra, uma sede de amor e ternura.

Era a Bela Época: das conversas delicadas e das rendas. O Futurismo quebrava as primeiras lanças na Capital e nas almas. Mário vive a ocasião sem preocupações. Ainda não era tempo. Mário tinha de pensar no esmero das frases, na rima dos versos, e na rosa esmagada e amarela entre duas páginas.

E quando morreu 1919 fugiu do emprego de Lisboa. Por revolta, por amor de imprevisto e aventura, ou para se evadir?

Aquela coisa estranha que se sente numas águas furtadas onde se respira o cheiro das tintas, o pó velhinho e a sensação escarafunchante do mistério, sobressaltou os vinte anos de Mário. Deixou-se atrair. Principalmente para se revelar e para se encontrar. Viu ensaios, cores vivas e pessoas. Apaixonou-se. Zangou-se. Viu tudo e imaginou o resto. Mais tarde, as mãos grandes e feias procuraram os pincéis. Eloy, um jovem de 23 anos começou enchendo telas de coisas que via.

Em Paris Eloy aprende, conhece obras e pessoas, ouve falar, vê exposições, lê, mas continua insatisfeito. Apesar de ter as telas e os sonhos.

Berlim. Casamento. Eloy torna-se pai.

Lisboa. Separação. Eloy torna-se solitário e amargo. Deixa-se tomar pelo álcool, e então muda-se num fantasma de si mesmo, febril, incongruente, intercalando sarcasmos com remorsos e autocríticas. Exalta-se com facilidade e frequência. Quando tem dinheiro, desperdiça-o sem nexo. Vive só o momento que passa. De vez em quando apaixona-se perdidamente, e então carrega montes de flores para a porta da sua dama. Revolve-se. O mundo vaagirando cada vez mais rápido para ele. O corpo e o espírito desgastaom-se. Tão depressa se entrega à criação como abandona tudo, telas e tintas. Os dias martelam-se num ritmo desfeito e duro. Os dias correm absurdos.

Eloy entra em crise. A crise agiganta-se até lhe possuir sonhos e esperanças. E depois, num dia quente, cheio de perfumes de Setembro, possui-o a ele.

Descansava enfim o pobre poeta impetuoso e tímido, o pobre coração cheio de contradições e revoltas, o pintor dos verdes amargos feitos de raivas e de desesperanças. Descansava da vida agitada, dos castelos de sonho, dos amores contraditórios, das desconfianças e da fugaz glória. «... deixou-nos amostras que foram provas, mas sem tempo para desenvolvimento definitivo. Experiências, tentativas, angústia e dispersão. Duas dúzias de telas, uma lendária História, e o resto — o autêntico — por contar, truncado, desconhecido, trágica na sombra».

Mário Eloy de Jesus Pereira nasce nos fins de 1900.

Frequenta a Escola e depois o Liceu Passos Manuel. Mais tarde está na Escola de Belas Artes. Mas por pouco tempo. Deixa-a e o Pai emprega-o num Banco.

Num dos últimos dias de 1919, abandona Lisboa sem avisar a família e visita o Algarve, Marrocos e parte da Espanha. Por fim o Pai consegue localizá-lo em Madrid e fá-lo regressar a Lisboa.

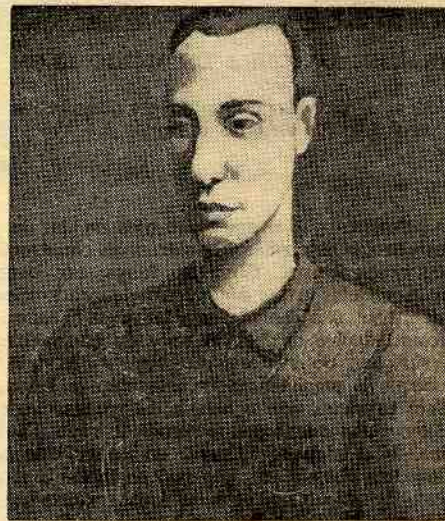
Mário tem então 20 anos. Augusto Pina, cenógrafo e amigo da Família leva-o até ao seu atelier, no vão do Teatro D. Maria II. Assim entra em contacto com o mundo da pintura e dos ensaios.

Mário Eloy vinha de uma família de amantes do Teatro. Talvez por isso chega a pisar o palco por três vezes, integrado na Companhia Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Depois deixa-se seduzir pelos pincéis. Pinta algumas telas e em 1924 expõe com Alberto Cardoso no Salão da Ilustração Portuguesa. Decide então viver aquele sonho. Dirige-se a Paris. Em 1927 mostra por duas vezes.

Vive Paris por uma certa quantidade de tempo. Até partir para Berlim. Aí, continua a pintar e a expor. Casa-se e tem um filho. Porém, as dificuldades duma vida incómoda avolumam-se. Em 1932 regressa a Portugal e a Lisboa.

Passam-se meses. A vida familiar desfaz-se-lhe. A mulher e o filho voltam para Berlim. Mário Eloy fica só.



auto retrato — 1928

E deixa-se arrastar por uma época de tumultos, absurdos e paixões repentinas. A saúde começa a ressentir-se. Mário Eloy atravessa uma longa crise. Até que entra para a Casa do Telhal.

E depois, num dia de 1951 deixa de viver.

um culto

caracterizada pela inexistência de segundo sentido e violência pelo puro amor da violência (...) o Teddy-boy acredita no sexo sem sentimento. O que não agrada, muitas vezes, à Teddy-Girl: os magazines romanescos e as aventuras dos cartoons, que são a dieta literária das Teddy-girls, são cruamente emocionais, mas raramente eróticos. (...) Os interesses da Teddy-girl são ainda mais reduzidos que os do seu companheiro (...) Os mais ricos Teddy-boys de Birmingham, inspirados por um filme de Marlon Brando, formaram um corpo de elite, motorizado. (...) As duas principais actividades destes «motor bike mobs» são fazer corridas em velocidade nas matérias da cidade e raptar apetevidas moças».



ANÁLISE DA OBRA DE MÁRIO ELOY

Podem-se considerar quatro períodos intimamente ligados à evolução da vida do pintor.

1

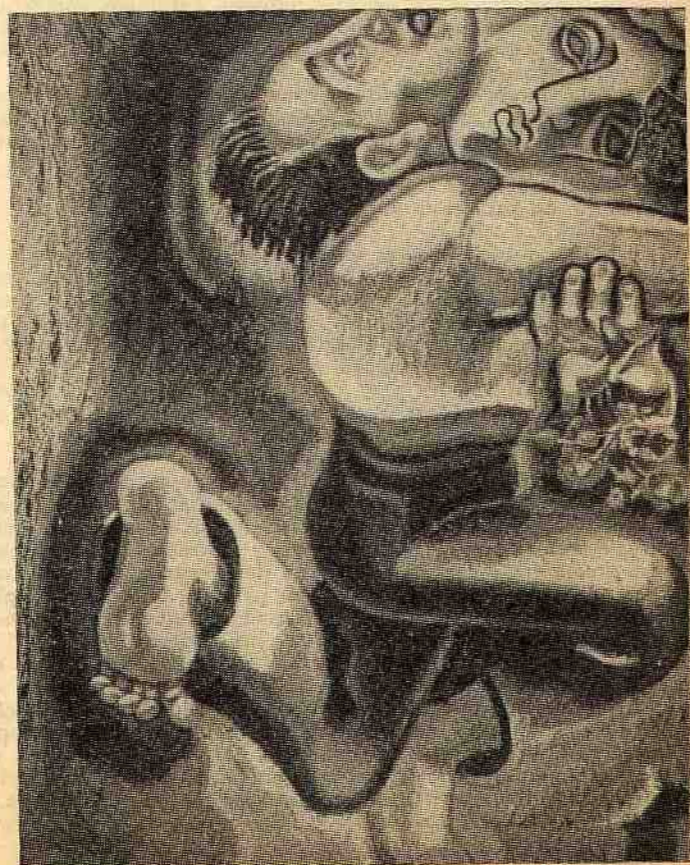
O primeiro — é o das hesitações de um começar cheio de influências estranhas, de estranhas construções e de pouca segurança formal. Começou longe, nos bancos da escola, ou nas Belas Artes ou nalgum ignorado momento para se encontrar nas águas furtadas dum Teatro. Foram depois os 3 ou 4 anos da concretização de sonhos e sínteses, no mistério suspenso numa tela branca que o amor e a persistência transformam e fazem viver. Esta primeira fase é bem a da preparação e busca. Mário Eloy pinta retratos e recantos de ruas. Pinta para aprender. Não se pode socorrer do pouco que os estudos epidérmicos lhe deram, por isso ensina-se a si próprio. É um *auto-didacta*. Cada quadro é um exame que o deixa insatisfeito.

2

O segundo começa com a mudança de ambiente, de hábitos e de aspirações. Em contacto com as obras de grandes nomes da Pintura Moderna, vivendo a atmosfera cheia de aventura, de ideais e de cor, Eloy começa a encontrar-se. É Paris, melhor, são os cafés das discussões, as mostras das novidades, as revistas, os outros e ele que se unem para trazer qualidade às suas obras: a coisa concebida é condicionada pelo homem e este pelo meio. E o meio dá-lhe as cores vivas de Cézanne. Mário Eloy admira Cézanne, Picasso e Van Gogh em particular. Aprende pois com eles. Da cor, da construção, do ritmo e da paixão. «Procuro a síntese da forma. Em cada pincelada busco uma intenção cerebral. Por isso, quando pinto, gostava de ter na cabeça pincéis em vez de cabelos». Assim, para melhor pôr nas telas aquilo que queria perpetuar ou dar aos outros: as cóleras, os hinos

FUGA — 1937 ?

Há uma fuga que quer ser fuga para lá do espaço. Mesmo apesar da troça do ramo de flores e da lembrança do rosto desejado, Eloy pintou-a talvez num desabafo de amor. E encheu-a daquela força de tragédia que abandona as sombras dos baixos relevos para se adensar na união dos dois rostos.



DA MINHA JANELA — 1938

A irremediável decisão dos rostos dos encapuchados e o pavor frio do homem que é carregado vão-se casar com a luz pálida e sangrenta das árvores estranhamente torcidas — para criarem uma atmosfera de fatalidade. Fatalidade que morre com a pequena criatura morta dentro do caixão branco.

de amor e ternura. Os apelos simples. O transcendente do quotidiano.

«Era assim mais directa a execução da pintura como eu a quero, pois da cabeça às mãos quantas tradições me desvirtuam uma execução».

Quando não pintava Mário Eloy desenhava ou escrevia, ou então abandonava tudo, solicitado por outros gostos. No entanto, em nenhum outro género se realizou tanto como na pintura.

Aos desenhos simples faltava-lhes a cor. A cor que iria transformar o estilizado e o rígido em coisa quente, impetuosa e impactual. O desenho, para Mário Eloy é o complemento. A cor promete já, vir a ser quase tudo.

(Em Paris, o Marquês de Castellani: «O senhor pintou-me como eu não quero ser, mas talvez como eu sou» — cinzentos e azuis. Em Berlim, o Doutor Kan: «...mas eu não sou verde!». Melancolias. Paixões. Absurdos, Verdes, rubros, carmins. Azuis. Violetas.)

No auto-retrato de 1928 Eloy aparece-nos simultaneamente longínquo e próximo. Um pouco melancolia de todos nós.

E o resto ele: os empastamentos de tinta no corpo desajeitado vão morrer no carmin-rosa do sorriso. Para lá do sorriso talvez só o carmin-rosa: os sonhos, o coração ardente. É um sorriso mal esboçado. Com medo de se revelar. Mas que enche a tela de paz. *Aquela paz que a vida não lhe queria dar.* Enquanto executava, Eloy ia dialogando com a obra («tenho tido a tortura do costume ao começar qualquer obra... o próprio sofrimento de encon-

depois de amadeo

e nas coordenadas de uma pintura moderna contemporânea em Portugal

mário eloy

duas dezenas de telas, uma lendária história, e o resto

RETRATO DE PAULO FERREIRA — 1936

Na tela o contraste cromático resolve o fundo e deixa-nos o problema duma personalidade. Porque é um homem o que Eloy nos dá, com o ritmo das cores e dos volumes. O ritmo que parece apontar para o rosto, quando constrói o vulgar dum camisolão largo e dumas mãos nos bolsos, e depois sobe nas manchas verticais do fundo para realçar o que pode haver de singular naqueles olhos, naquela nariz e naquela boca. O quadro utiliza-se do vulgar para construir o essencial.

trar, de procurar, cada vez me faz agarrar mais ao quadro»).

3

Com o rompimento com a família vem o rompimento com os preconceitos e tradições. E a terceira fase. Do que viveu e conheceu apenas conserva o essencial: a enorme capacidade de sonho e compreensão (aquela compreensão que é amor), a espontaneidade das cores. Os empastamentos de tinta — os baixos relevos. E a organização de ritmos apaixonados.

A obra válida de Mário Eloy dá-nos uma realidade objectiva. Algo que se pode reduzir a um objecto, sem no entanto se confundir com ele. Eloy representa o homem naquilo que para ele era o essencial: um sentimento de solidão e amargura. A esperança e a desesperança. E o absurdo.

Eloy afirma-se nestas obras, com conteúdos plenamente resolvidos pela cor e pelo equilíbrio de volumes.

O auto-retrato de 1939 mostra-nos já outro homem. As cores agora são mais carregadas. O sorriso desapareceu, e os olhos abrem-se atormentados. Com a tormenta, com o fim do sorriso, começa a última etapa. Cheia de distorções mórbidas e de visões angustiadas.

BRUNO MANUEL



O POETA — 1937

Aqui ficamos apanhados de surpresa pela tristura dum rosto, pelo cheiro da flor que a mão feia segura, pelo barco que talvez apite no verde. Pela dimensão duns olhos vesgos. É o instante supremo.



para ti, meu velho

Se não concordas,
Se concordas,
Se discordas,
Dos artigos, da paginação, dos temas, dos desenhos,
Há um meio prático de marcares pontos.
Abandona os socos no vácuo! Não mais desdêns intelectuais! (...fora com os sorrisos cínicos, as tosses irremediavelmente eivadas de fina espiritualidade, as excitações «abstracções homofonas compassadas em gerundivos exdrúxulos»).

NADA DISTO.

Apenas: escreve-nos dessas opiniões.
Vem falar-nos delas. Vem dizer que és jovem e acreditas em ti e nos outros.
Vem, escreve ou telefona.

Combinado?

«alimantar derrotismos com biças e silêncios é daqueles todos que tem 1\$50 em vez de vida, chewing-gom em vez de espírito, e cansaço em vez de coração...».

ROTA

JORNAL INDEPENDENTE, UNIVERSITÁRIO E JUVENIL

número cinco — Maio de 1959

ROTA tem 12 páginas, ocasionalmente custa 1\$50 e sai com uma irregularidade aproximadamente mensal.

ROTA É UMA TRIBUNA ABERTA A TODA A JUVENTUDE.

Toda a correspondência deve ser enviada para: EGÍDIO A. GOMES — Rua Quirino da Fonseca, 44.º, Dt.º

Preçário de anúncios: 1 página — 500 escudos, 1/2 página — 260 escudos, 1/4 de página — 140 escudos, 1/8 de página — 80 escudos. Com execução de desenho, mais 20%. Descontos: de 5 a 10 números — 10%. De 11 a 15 números — 15%.

Os rapazes tinham-se sentado no bar, em volta de uma das mesas vagas, e falavam despreocupadamente.

Estrangeiros na terra. Estrangeiros com bonomia. Bebiam e falavam, riam e davam pequenas palmadas no tampo encerado da mesa.

A porta de mola abriu-se e entrou um sujeito novo, de melena um pouco crescida, bem vestido, ar de quem não tem problemas na vida. Para lá da porta adivinhava-se o vulto de outros, na expectativa e no silêncio tenso, pretensamente calmo.

O rapaz aproximou-se da mesa, onde os estrangeiros continuavam a falar, alheios à sua entrada, parou, e tocou nas costas de um, com um gesto polidamente delicado.

— Sente-se bem, não? Perguntou quando o estrangeiro se voltou.

O estrangeiro sentia-se bem e disse-o.

— Então levante-se com os seus companheiros e vá-se embora.

Os criados e os outros fregueses assistiam calados. A porta tinha-se aberto e o resto do grupo esperava entre curioso e ameaçador.

Houve um momento de perplexidade na mesa. Os rapazes interrogavam-se com os olhos. Um deles, o interpelado, voltou-se.

— Sim? — perguntou clinicamente.

— Sim — disse o jovem bem posto, acompanhando a palavra com o gesto de o puxar da cadeira.

Os rapazes da mesa levantaram-se em bloco, e o jovem rolou pelo chão. Os do seu grupo avançaram, ameaçadores, e a luta começou quase imediatamente. Garrafas quebradas e afiadas, cadeiras manejadas violentamente, gritos, uivos, ruído de matéria a chorar contra matéria. O interior do bar transformou-se num pandemónio.

Havia muitas coisas partidas. Os criados procuravam intervir mas nada conseguiram. Alguém telefonou para a polícia.

A luta cessou tão bruscamente como começara. O jovem bem posto e o seu grupo, terminada a tarefa e vendo os estrangeiros em mau estado, retiraram-se.

— Quando eu mando, obedece-se, disse o chefe ao sair.

Ouviiu-se o ruído de vários carros a arrancar.

Aos estrangeiros atónitos e espancados o criado explicou:

— São teddy-boys, filhos de gente rica, com carro e agregados em bandos. Fazem isto frequentemente e não tem mais nada que fazer.

o culto “teddy”

1) Nas interpretações dadas aos ainda recentes distúrbios que eclodiram nos bairros dos subúrbios de Londres, principalmente em Nthing Hill surgem a certa altura, como causa determinante e essencial, os teddy-boys. Dessa horda misteriosa e mal definida que nos apresentam a lutar contra «coloured» e contra a polícia armados de matracas, de garrafas de leite vazias, de pedras e de facas, tem-nos sido dadas apreciações do mais variado teor. Na sua maioria essas interpretações pecam, ou por demasiado exclusivistas, ou por demasiado ingénuos e baseados em informações superficiais.

Os teddy-boys de Londres são jovens que viviam das pensões de guerra que o Estado pagava aos órfãos de guerra. Com dinheiro suficiente para viverem, sem pais ou pessoas de família que os orientassem ou corrigissem, esses rapazes lançaram-se numa vida fácil, descurando do estudo. A certa altura, atingida a idade em que considerava estarem aptos a ganharem a vida por si próprios o Estado cortou a mesada, e os rapazes, incapazes para qualquer trabalho que exigisse um mínimo de habilitações, lançaram-se no roubo e na desordem. Quando as vagas sucessivas de «coloured» invadiram a Inglaterra, enchendo o mercado de mão-de-obra barata, aplicada e pouco exigente, os rapazes sentiram-se esbulhados das poucas funções que ainda podiam exercer e, já por não saberem fazer mais nada, já porque a vida fácil e corrompida que tinham levado a isso os impelia, apoveitaram esse pretexto mínimo e desencadearam distúrbios que a polícia, apenas muito a custo e ao fim de vários dias conseguiu dominar.

Esta primeira interpretação da génese dos Teddy—feita num jornal português—além de sofrer de uma deficiência de visão bastante grave — pois não considera muitos outros casos importantes — tem ainda o defeito primacial de reduzir quase tudo a questões de má situação económica e de educação mal orientada. Veremos mais adiante que o essencial não é isto.

2) Para um outro comentador era importante salientar o facto de que na base destes distúrbios — em que a juventude, ou melhor, determinado sector de juventude, assu-



em busca de um novo humanismo

miu papel preponderante — se encontram razões de carácter político, a acção do pequeno e aguerrido partido de Sir Oswald Mosley, que prega o velho tema de «A Inglaterra para os ingleses», excluindo assim os já citados «coloured». Os rapazes dos bares e dos meios delinquentes de Londres, de inteligência de galinha e facilmente influenciáveis, foram arregimentados e depois lançados para a frente como tropa de choque. Os «Teddy» aproveitaram, na sua maioria, a oportunidade para dar vazão aos mais baixos instintos.

Salientando o carácter político destas manifestações foca-se a intervenção evidente de Sir Oswald e dos seus discípulos.

numa Inglaterra ligeiramente brumosa, onde os homens são «men» e os chapéus de chuva um hábito — nasceu um novo culto

Mais interessante, no entanto, e índice seguro dum determinado tipo de mentalidade e de determinada maneira de pensar é a frase daquele rapaz que, quando foi apanhado e arrastado pela polícia gritava, com o desespero e a raiva na voz:

— E ele defendia-se! Ele defendia-se!

Considero de extrema importância esta frase porque ela revela exactamente a atitude daquele indivíduo que assimilou de terminado tipo de verdade que lhe apontaram como a mais importante, não se dando ao trabalho de a analisar. O simples facto de não aceitar sem um espanto extremo que os outros (os negros) se defendessem, mostra uma consciência absoluta de estar de posse da razão. Indo um pouco mais longe, poderemos admitir que este é do género dos que, vivendo uma vida fazia, oca e estúpida, e considerando por isso o mundo como um antro de loucura, se agarram desesperadamente ao primeiro osso que lhe atiram, vivendo-o então com um misto de fanatismo e misticismo.

Também a segunda interpretação tem os seus defeitos. É superficial e ingénua.

Superficial porque admite como factor determinante único ou fundamental a política, e ingénua porque confere aos teddy-boys apenas uma acção de indivíduos sedentos de delinquência e de luta, falho de causas, facilmente influenciáveis, pervertidos e sem outros problemas que não sejam o de que hão-de esquecer no momento seguinte. Ingénua, principalmente, porque não vê as causas.

3) Um terceiro tipo de interpretação da existência dos «teddy-boys» filia-se directamente na análise da pequena história verídica que inicia este artigo.

A história passa-se numa cidade do centro de Inglaterra, e é o protótipo perfeito do que habitualmente se passa em muitas outras cidades. Não se dá apenas com estrangeiros, mas principalmente com os indígenas (do sítio) — os estrangeiros não são tão abundantes como isso — e repete-se com mais frequência do que o silêncio absoluto que a imprensa colocou sobre o caso faz supor.

Encontramos na história todos os elementos-base das características dum determinado tipo de juventude — a dos «teddy-boys» — e podem ainda aferir da importância fundamental das causas, elementos que as interpretações anteriormente apontadas, ou descuravam ou apresentavam de maneira errada.

Assim, temos que os delinquentes não são de maneira nenhuma tipos accossados pela questão económica — antes pelo contrário, vestem bem e possuem carros de boa marca

à sua disposição — que encontram saída apenas na delinquência; temos que são indivíduos que se associam em «gangs» perfeitamente organizados, com um chefe e disciplina rígida; temos que, a coberto da força dado pelo «gang», se divertem a provocar e a espancar quem lhes apetece.

Destes elementos podemos concluir imediatamente algo de muito importante: se não são indivíduos patológicos — a menos que os casos patológicos se estejam a multiplicar extraordinariamente pois estes grupos e existem em número apreciável — e se se associam em «gangs» para darem vazão aos seus desejos primários de luta e de agressão, qual o motivo que os faz agir?

Parece lógico que só poderá ser uma necessidade interior, já que o meio se lhes apresenta favorável.

É uma desadaptação face à confusão dos conceitos, do mundo, das ideias, dos homens. É uma angústia surda e um vazio constitucional, é uma cobardia face às solicitações do mundo, que obrigam o homem do século vinte a aprender a dominar-se, a acreditar em si, e a realizar-se, não duma maneira fácil, mas dum modo que exige o sacrifício e a auto lealdade que nem todos são capazes de conquistar e usufruir.

É essencialmente uma força íntima, derivada de todos estes factores, que os obriga a tentarem esquecer, a tentarem apagar as suas derrotas quotidianas de plano espiritual, criando o grupo, o «gang» que se lhes sobrepõe e pelo menos lhes indica um caminho.

Que esse caminho, pela inexistência de formação e realização pessoal, seja o caminho da delinquência e das acções gratuitas, prejudiciais e inúteis, pouco importa, desde que seja um caminho e encha todo o vazio que existe.

4) Feias se tornam as coisas quando as minorias deste tipo se multiplicam. Claro que indivíduos desnordeados pelas ideias e pelo mundo sempre existiram (se bem que em muitos casos a delinquência se explicasse quase sempre por causas materiais ou políticas), mas a verdade é que o seu número e a sua acção, relativamente ao grande núcleo, eram irrisórias.

Agora o caso é totalmente outro, porque nem as causas patológicas nem as materiais são as determinantes fundamentais. Agora a questão é infinitamente mais grave, porque se trata duma crise interior.

Estes «teddy-boys» que em Inglaterra se associam aos distúrbios de Notting Hill, que atacam pacíficos cidadãos sem razão alguma, que criam «gangs», que trazem alarmada a população, são precisamente a parte da juventude que, vivendo numa crise, vivendo um século de crise, não a aguentaram,

**dogmas: o sexo e a violência
preceitos: o traje, o cabelo e o
dialecto**

**ritos: a dança e o tédio
fieis: os teddy**

e tiveram que se refugiar no grupo e na delinquência (a acção física quase sempre faz esquecer as preocupações intelectuais), principalmente se vier mascarada de uma pseudo razão psíquica), esses «teddy-boys» são a parte mais fraca da juventude dos nossos dias.

A parte mais forte, a parte que sabe aguentar e sofrer a crise que a revolve e a angustia, essa procura no silêncio, na reflexão e na análise, um novo estilo de vida que se adapte ao século, às espantosas invenções, às extraordinárias conquistas da técnica, que substitua a confusão e o caos em que caíram as verdades de ordem interior, as verdades intelectuais que regiam e bastavam em séculos menos.

Essa parte da juventude é enorme, a avaliá-la pela também grande parte dos fracassos, dos «teddys», e silenciosamente, dominada e dominadoramente, procura, angustiada e cheia de dúvidas, um novo humanismo para uma humanidade e uma sociedade em que a expansão ilimitada dos contactos entre indivíduos trouxe, paradoxalmente, o afastamento quase total do indivíduo em relação aos outros, criando uma teia que impede a comunicação e a verdadeira «humanidade».

Procura um humanismo que dê realmente ao homem o valor que ele merece, que o faça conhecer e amar os seus semelhantes, destruindo os mitos que uma errada concepção de vida trouxeram ao homem, enchendo-o e desnordeando-o.

Para os nossos leitores aquilatarem da importância e dos extremos a que chegou o movimento Teddy em Inglaterra, transcrevemos partes dum artigo publicado no semanário londrino «Jonh Bull» em que são relacionados factos que não podemos esquecer, pelo que de alarmante representam.

Londres-Inglaterra: «Seis anos atrás, em 1953, começou uma revolução social, quando um grupo de jovens da sociedade, embrulhados em elegantes fatos de corte eduardino apareceu em Mayfair. Depressa uma versão desses trajes foi adoptada por «gangs» de jovens do South London. Semanas passadas, a epidemia alastrou. Chegava a era do Teddy-boy» (...) Os seus adeptos infiltraram e influenciaram a maioria dos círculos juvenis desde os clubes paroquiais às células de Jazz. (...) Regra geral o Teddy-boy vem da classe operária. E a coesão é maior entre os desajeitados, nas grandes cidades industriais. O teddy boy opera em «gangs». Usa um idioma derivado do calão dos criminosos (...) Muitos pais compram para os filhos o primeiro jean quando eles andam à volta dos 13,14 anos. Desde aí o rapaz passa a considerar-se um cadete Teddy-boy. Os pais nem sequer o sonham; compram os jeans, por serem uma peça de vestuário resistente e prática. (...) O culto Teddy-boy é mais forte para suscitar a lealdade por parte do jovem do que a família o club ou a Igreja. (...) Um grupo de jovens trabalhadores independentes, incluindo Henry Wittaken — Quaker; e Trevor Williams, dirigente de um «church club», formou em Birmingham a Associação Nacional dos Teddy boys. Williams disse: «O organização é exclusivamente para Teddy-boys. Esta, ao mesmo tempo que lhes protege os interesses e lhes salvaguarda o direito de usarem aquilo que entenderem — também lhes dá amplas oportunidades para mostrarem o que há de bem neles e para desenvolverem capacidades de chefia, e para mostrarem o que valem no desporto e nos jogos. (...) O culto do Teddy boy é uma tentativa para formar uma sub-sociedade rebelde, com jovens na idade rebelde. Os seus membros têm em geral, tendências comuns, birras comuns, comuns aspirações e idênticas inclinações psicopáticas. Nos seus «gangs» estas características tem um meio de escape pela acção. O traje do Teddy boy é o sinal visível da rebelião, e identifica o seu possuidor com este espírito. (...) O culto Teddy boy tornou-se mais hermético desde que a sociedade o começou a encarar com desfavor. Como reacção, ficou mais agressivo para aqueles que encara como inimigos — os representantes da ordem e da lei, duma maneira geral. (...) O advento do Teddy boy coincidiu com o fim da autoridade do post-guerra. Pela primeira vez o jovem trabalhador inglês desperdiça tempo, desperdiça dinheiro, o enche lojas, (...) O traje de Teddy-boy é um símbolo de liberdade sexual. Um jovem dirigente disse: a política da Saúde produziu uma raça de jovens prematuramente desenvolvidos de uma soberba compleição física. Quando um moço de hoje alcança os 15 anos já está apto para uma intensa vida sexual — e o movimento Teddy-boy dando o apoio do grupo a um sistema de liberdade sexual, ajuda-o a realizá-la. Uma vez dentro do traje teddy-boy a quebra com o poder dos pais e com a moral convencional é completa. (...) Vestuário teddy-boy significa por parte do que o usa um desprezo por considerações éticas e por restrições religiosas. O Teddy-boy é igualmente desprezador das mais elementares prudências: dir-nos-á que as doenças venéreas podem ser curadas e a gravidez evitada (...) As relações entre Teddy-boys e suas raparigas são também encaradas como uma simples diversão, remate de uma tarde ou noite. As coisas acontecem com natu-

LORD RIAM

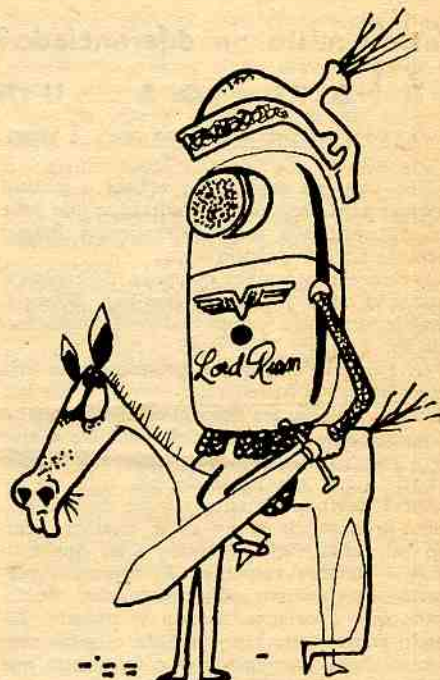
UM NOVO TIPO DE MÁQUINA DE BARBEAR ELÉCTRICA

RIAM S. A. SUÍÇA

PREÇO
275\$00

REPRESENTANTE
URBANO C. MIRANDA

AV. ALMIRANTE REIS, 89-F-2.º-D.
TELS. 58735 — 56844



«ela» vai gostar de saber que você faz a barba com uma RIAM...

ralidade depois duma sessão de Rock e dum saco de batatas fritas (...) Esta licenciosidade não parece prejudicar os projectos de um futuro lar estável, por parte do Teddy-boy; regra geral vem a ser bom marido, fiel à sua esposa e duma maneira geral, ansioso por constituir família (...) O cabelo, símbolo de virilidade desde Sansão é um dos dogmas-Teddy. A máquina do Rock é a sua religião e para ela e por ela se faz um complicado ritual de dança. Há duas maneiras de dançar. «Cool», cheia de estilo, com as faces paradas, perto dum transe hipnótico. Quase todo o movimento parte da rapariga. Não há conversação. Apenas contactos físicos e movimentos rítmicos (...) Depois da dança ambos se separam para umas férias em «chewing-gum», sem uma única frase de agradecimento. Quando o Teddk-boy dança «tough», salta por cima da companheira, agarra-a, fá-la girar e oscilar ao som da música (...) A violência estala entre dois «gangs» quando o membro de um foi insultado pelo de outro. Os bandos lutam com garrafas de leite partidas e com pedras e com enormes facas (...) A violência Teddy-boy é

(Continua na pág. 5)

Há dois aspectos importantes a reter nesta parte do inquérito dedicada aos universitários. O primeiro diz respeito às consequências que derivam da brusca mudança de métodos e de ambientes, ao verdadeiro mergulhar numa vida nova em que o novel universitário se sente enredado e em muitos casos desorientado. Importa verificar a relevância dada ao choque que representa o aparecimento da autêntica carta de alforria e de emancipação que a Universidade confere em todos os campos, e, no nosso caso, no da camaradagem inter-sexos, ao liceal que a alcança.

O segundo aspecto, aquele que melhor pretenderíamos ver elucidado, refere-se às tendências para a segregação sexual na Universidade. Em que medida se caminha para um ensino superior com diferenciação de sexos? Muitos dirão que é uma pergunta ociosa. A única resposta a dar-lhes é a de que ainda se não inteiraram das condições inacreditavelmente revolucionárias em que se desenvolve a vida moderna. Hoje em dia, em nome da sociedade e, depois, em nome duma produção e duma preparação para bem produzir, tudo é possível. Até o ensino universitário com separação de sexos.

Embora pouco claras nalgumas passagens, cremos que as três respostas publicadas nos apresentam suficientes revelações. Das respostas extraímos as passagens mais notáveis.

ensino misto ou diferenciado?

falam os universitários

ANABELA RIBEIRO CARDOSO — MED.

Não vejo na segregação sexual o melhor método para preparar um indivíduo que deve ter na sociedade uma determinada função inerente ao seu próprio sexo.

Pertence aos estabelecimentos de ensino a formação coadjuvante da familiar, acompanhando sempre e primordialmente uma instrução.

(...) na idade escolar e pré-escolar deveria haver contacto entre os dois sexos, o que implicaria da parte desses estabelecimentos uma intensa e orientada vigilância. Esta, que teria como fins uma informação e formação sexuais (...), em lugar de pôr entraves ao natural desenvolvimento sexual da criança, deixá-lo-ia seguir o seu curso normal, sempre sob uma vigilante orientação que soubesse e devesse responder às inúmeras perguntas que surgem pela progressiva descoberta que a criança faz de si própria, fazendo encarar um sexo perante o outro com naturalidade, sem mistérios e fantasmas que só levam a curiosidades perigosas.

Na adolescência a segregação tem também o inconveniente de colocar os sexos um pe-

dente e livre, rapazes e raparigas são obrigados a contactar sem distinção, já por fazerem parte de turmas de trabalho comuns, já por não terem salas ou corredores privativos. Isto pode dar origem por parte dos jovens a várias reacções: de atordoamento, sem uma justa e prévia avaliação de valores, ou de timidez, ou de retraimento.

Assim, um rapaz, contactando pela primeira vez assiduamente com raparigas, pode ver nelas um motivo de distração, deixando de ver, como seria para desejar, as colegas, as camaradas que colaboram num mesmo trabalho e com um mesmo fim em vista: a de se valorizarem para a vida.

Os tímidos, esses fogem do convívio, incapazes de trocarem uma palavra que os ponha num ambiente de contacto franco, amigo.

Por seu lado, as raparigas retraem-se, temendo ou compreendendo mal a camaradagem entre sexos opostos.

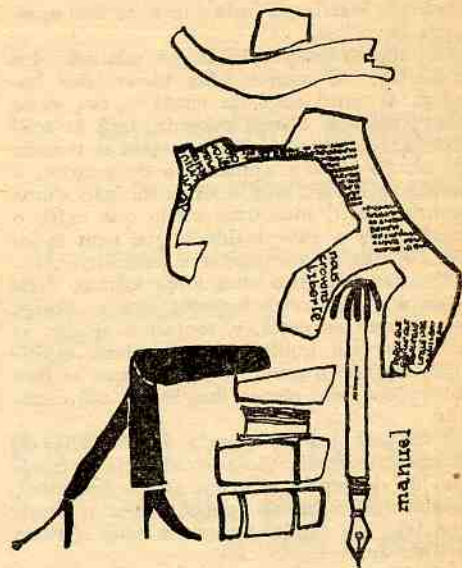
Pelo que tenho observado na Faculdade que frequento, a segregação, o afastamento dos sexos toma lugar. Não é raro—pelo contrário, vulgaríssimo—encontrarem-se alunos do mesmo ano que esperam por uma aula formando grupos isolados de rapazes e raparigas.

Verifica-se como que um retraimento de parte a parte, um receio de abordar uma conversa, falta de assuntos a propor, quando afinal rapazes e raparigas deviam aprofundar certos assuntos, cooperando, originando um intercâmbio de ideias de maneira que se pudessem apreciar devidamente e assim respeitarem-se, e, além disso, auxiliarem-se a vencer e a valorizar-se, como camaradas que formassem uma força una.

GILBERTO OLIVEIRA QUATORZE ECONÓMICAS

A seguir um dos sistemas, seguiria o do ensino misto (...). A origem de muitos dos chamados «complexos» da rapaziada reside exactamente na sua incapacidade para a convivência normal com raparigas. (...) E de onde vem essa timidez frente às raparigas? Da falta de hábito de convivência. Como criar esse hábito? Propagando o ensino misto. Mas não devemos esquecer que também nessa solução há perigos.

(...) A criança, ou chega sozinha às verdades sobre problemas sexuais, ou então esta não lhe é revelada com os cuidados devidos. Essa função cabe aos pais. Ora por enquanto



a educação sexual das crianças não merece um mínimo de atenção da parte daqueles a quem compete: a Família. (...). O ensino misto, nestas condições, não é muito aconselhável.

(...) A segregação sexual atenuada creio que também não é a melhor solução. O rapaz, até aos 15, 16 anos, não convive com raparigas. De súbito, tem essa oportunidade. A princípio, está retraído. Tímido. São poucos os que tentam a aproximação. E esta, quando se verifica, pode ser perigosa, dado que é nesta idade que o jovem suporta a prova crítica da adolescência. É quando sofre as maiores tentações. A convivência, nessa altura, só serviria, em grande parte dos casos, para as excitar.

Nestes termos, creio que não há uma solução ideal, por enquanto. Encontrá-la-emos, creio, no ensino misto, quando a educação sexual da criança for devidamente orientada, de modo que evite os eventuais perigos.

No nosso meio verifica-se uma nítida evolução para a segregação. As consequências para o procedimento dos novos universitários são aborrecidas no aspecto de convivência. Não se está habituado a tratar as raparigas como camaradas, a não se sentir constrangido na sua presença, a tratá-las, enfim, como se trata qualquer dos amigos. Assim, a qualquer princípio de camaradagem é quase sempre dado um segundo sentido. E a camaradagem desaparece, ou melhor, limita-se a meia dúzia com coragem para enfrentar a opinião pública (empregando aqui o termo generalizado num caso particular).

E o facto é que essa segregação tende a germinar mesmo no sentido superior. Os rapazes sentem-se mais ou menos afastados das raparigas, e inclusivamente em alguns professores se encontra uma diferença de tratamento que não é o de mera cortesia entre rapazes e raparigas. Cito por exemplo o facto



rante o outro como o bicho raro, o fruto proibido. E mais ainda: rapazes e raparigas jamais aprenderiam (na segregação) apreciar os verdadeiros valores mútuos, a respeitarem-se pelo que são de diferentes, e pela finalidade a que essa mesma diferença os destina.

No entanto, há vantagens na segregação, principalmente nos primeiros anos do Liceu, quando o desenvolvimento intelectual se torna por vezes insuficiente para acompanhar a intensa diferenciação sexual. Para compensar esta vantagem requeriam-se, como já aponte, orientação e assistência pedagógica suficientes e competentes.

Na Universidade a vida é mais indepen-



de se fazer a separação de sexos para a entrada nas aulas. Nitidamente, não vejo justificação para essa medida a não ser numa má compreensão do que é um universitário.

Há quem diga que os escritores portugueses são bons contistas. Há quem duvide. Há mesmo quem diga que somos os melhores contistas do mundo, na actualidade.

Pela nossa parte, sem entrar na discussão, abrimos mais uma porta à revelação da juventude. Esta secção de conto, agora criada, servirá sem dúvida para o aparecimento de novos valores no conto e também para a confirmação dos já afirmados.

Pretendemos ser uma secção dinâmica e arrojada. Não pretendemos deter-nos ante considerações de ordem estática ou estaticizante. Por isso, a estreitar a secção, surge um conto daquilo a que convencionou chamar-se ficção científica. O facto, que para alguns poderá ser um escândalo — porque a ficção científica ainda está muito pouco aceite e conhecida — torna-se para nós no reconhecimento do extraordinário valor deste novo ramo da literatura.

O conto que hoje apresentamos, dum Universitário de Direito, ligeiramente envolto na bruma do sentimentalismo, não pretende representar mais do que aquilo que é: uma das muitas possibilidades da F. C. e, com certeza, não uma obra-prima.



METÁLICO conto de Filipe Furtado

— Ion, vem cá!

A voz vinha enfraquecida. Quem chamava estava no quarto do outro lado da casa.

Ion parou. As suas orelhas metálicas tinham apercebido a voz. Os olhitos de cristal, brilharam. O cérebro mecânico já recebia a impressão dos sentidos postíços.

— Ion, vem cá!

Agora, o cérebro trabalhava. Ritmadamente.

Ia fazendo perguntas e dando as respostas.

— «Quem chamou?»

— «O meu velho senhor Josius».

— «Porque me chamou?»

— «Porque precisa de mim».

— «Então, devo ir?»

— Ion...

— «Sim, devo ir».

— ...vem...

— «Onde está ele?»

— ...cáááá!!!

— «No quarto do fundo».

A operação mental terminou. Ion começou a caminhar. Ia devagar. Com uma lentidão tiquetaqueada de automático.

— Ion! Ion! Ion!

Não admirava. Ion era um automático já antigo e portanto, bastante imperfeito.

Os actuais eram rápidos, eficientes, pressurosos e delicados. Pensavam num segundo e não dispendiam tempo nenhum no demorado processo das perguntas e respostas.

Dois minutos depois, Ion estava à porta do quarto. Disse:

— Entro?

Não houve resposta. Repetiu:

— Entro?

De dentro, a voz veio apoplética:

— Arre! Entra depressa!

Ion entrou e imobilizou-se. O velho estava vermelho de ira. O leito era obrigado a tomar novas formas de momento a momento, pois o velho mexia-se sem parar. A janela panorâmica estava escancarada.

— Fecha a janela, idiota! Estou cheio de frio. Não serves para nada! Depressa!

Ion começou a pensar:

— «O meu senhor está zangado».

— «Sim, está zangado, mas há algo mais importante agora».

Tu! Porca e miserável lata! Anda que...

— «Que quer ele?»

— Que eu feche a janela».

Ion moveu-se. Chegou à janela. Correu-a com uma enorme lentidão. O velho ainda gritava.

— Está acabado! Vou-te trocar! Comprei um automático novo e, tu vais para a sucata! Sucata!

Ion terminou a sua tarefa e perfilou-se.

— Mais nada?

— Não! Esta foi a última coisa que fizeste, maquineta do diabo!

O automático voltou-se devagar e caminhou

discurso do reitor

Universidade impõe-se que demos o exemplo do acatamento às leis, de pontualidade no cumprimento dos deveres, de regularidade na execução dos trabalhos, de isenção na formulação dos julgamentos, de honestidade no uso de processos, de sinceridade e de verdade nos princípios como nas conclusões.

Mas também creio, e não tive até hoje motivos para abandonar essa crença, que a juventude universitária deseja e aprecia um ambiente universitário são e sério. Com ela devemos contar, com essa gente moça cuja sucessão continua nas bancadas escolares torna tão apaixonante a nossa tarefa de professores, ao ver os filhos nos lugares ontem ocupados pelos pais e ao encontrar em cada ano uma curiosidade nova uara receber ideias antigas.

Solidários, profundamente solidários são na Universidade professores e estudantes, até porque o professor é um estudante que ficou a sê-lo a vida inteira para servir os outros estudantes que passam ou ficarão também...

Não há, não pode haver oposição entre professores e alunos até porque o constante rejuvenescimento dos quadros docentes pelo recrutamento em cada geração dos seus melhores valores, deve assegurar a permanente sintonização entre a escola e o tempo.



para a porta. Saiu do quarto e percorreu o corredor com o seu passo demorado.

Foi então que algo de extraordinário aconteceu ao automático Ion. Começou a pensar rapidamente. Claramente. A sentir como um homem de verdade!

— «O meu senhor está zangado. Diz que não sirvo para nada e me vai trocar. Talvez tenha razão. Demoro-me imenso a fazer tudo e não sou delicado. Mas não tenho culpa. Os automáticos de hoje são rápidos, eficientes. O meu senhor prefere-os a mim».

«Mas porquê? Não o servi sempre delicadamente? Não fui um bom automático? Não era o melhor que havia há vinte anos?»

Então, Ion chorou. Duas lágrimas escorregaram-lhe lentamente dos olhos de cristal e sulcaram o metal ainda brilhante. Eram lágrimas de óleo.

No cérebro mecânico de Ion o pensamento chispou.

— «Isto foi um erro».

Engrenou um raciocínio.

— «Seria isto um erro?»

— «Sim. Evidentemente. Máquina é a resposta. Sou máquina».

— Impessoal, portanto?

— Em absoluto.

Ion voltou a falar.

— «O meu senhor é bom. Diz que me troca, só porque está zangado. Nunca faria isso! O senhor Josius é bom!»

O automático ficou quieto no meio do corredor. Os olhos acenderam-se. As mãos de metal cercaram-se. O choro de óleo terminou.

Destá vez falou muito baixo.

— «Mas se um dia ele se lembrasse de me mandar para a sucata...»

— Clic. Clic.

Ion começou a ser desmanchado às cinco horas do dia seguinte.

Um técnico delicado tirou-lhe o primeiro parafuso e apagou-lhe o cérebro.

A seguir, desenroscou-lhe as lâmpadas dos olhos de cristal. A parte mais difícil foi tirar-lhe o sentido do olfacto que continuava a trabalhar com ritmo. Depois de tiradas as partes de maior valor, o resto do corpo foi incinerado. Deu uma sucata de metal de boa qualidade.

para a anita

Grupo no céu e nos charcos
E na lua.
Blasfemo!
E blasfemo assim por ti.

Arranco do cérebro ideias aos punhados
E esmago-as nas cristas das montanhas
De onde um dia tateei a lua.
(Não peço que me lamentem
Tornar-me-ei todo raiva.
E se peço beijos
Penso pagá-los com beijos
E poemas e o meu corpo.)

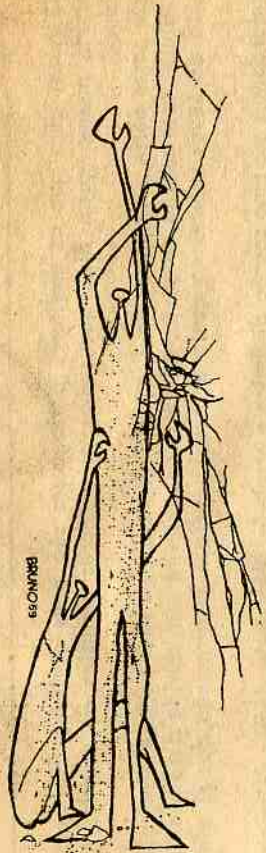
É para ti este poema.
Quero que compreendas a minha aparente frieza
E a timidez dos meus olhos.

⊙ Nos cais as abaladas são iguais
Sempre absurdamente iguais
E eu sou dos que ficam.
Sempre fiquei
Esquecido
Na sombra dos barcos e na babugem das águas

Como não esta revolta?
Este desejo de não ser eu.
esta busca
Como não esta ânsia de afagos?
Esta fúria de arranhar paredes que não existem

Mas olho o cais e fico sempre,

DIAMANTINO ANTÓNIO



Veio a noite,
e com ela, a alegria
possuiu-me,
gastou-me.

O amigo não veio,
não estendeu o sorriso
na palma da mão,
onde eu depositaria
— como num altar —
a minha humilde dávida,
(agora menor
na sua inutilidade
crescente)

Não veio.
Não quiz.
Achou pouco.
Não viu
como era tudo.

Lá fora decresce
o poder da noite
...Demais amanhã
é um novo dia.

DORA LENCASTRE

Preciosas pedras há na
significação dos gestos:
poesia descer aos dedos
dedos incharem e grávidos
gordas letras desenharem...

Preciosas pedras,
ortografias para lá das letras:
outras!... onde reluzem às centenas
divergências de luzes
a que chamas

já
são pequenas...

ANTÓNIO SILVA PINTO

página de poesia

Em poesia, actualmente, a discussão teórica desviou-se notavelmente do velho binómio forma-conteúdo para se fixar num trinómio ainda não estabelecido por ninguém e, talvez, nem mesmo aceite por todos, mas que nós poderíamos esquematizar em: forma-conteúdo-poder de expressão.

Uma batalha de certa envergadura, sobretudo entre a juventude, trava-se à volta deste terceiro termo. É costume — e erro — considerá-lo isolado e igualá-lo ao simples gostar ou não gostar, de valor subjectivo muito inconstante e momentâneo. Uns gostam, outros não. Mas é necessário, realmente, repor as coisas no seu

lugar para que se possa entender alguma coisa nos complicados caminhos que a poesia hoje segue... é necessário entender a poesia à base do trinómio apontado. Nem só forma (aqui mais notável em Silva Pinto), nem só conteúdo (mais aparente em Diamantino António), nem só poder de expressão (evidente em Dora de Lencastré), mas todos reunidos num conjunto harmónico.

Falta-nos uma Poética que nos dê a visão de síntese que permite a crítica consciente. Procuraremos nesta página estabelecer o esboço de uma, nos próximos números, partindo precisamente deste trinómio.

